

MUNDARÉU

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série de Lua em Lua Ciclo #3: “As vergonhas”

Transcrição do episódio: Clarissa Reche
Revisão da transcrição: Má Viana Pereira

Roteiro

Legenda

Blocos

Sonoplastia

[música breve]

ABERTURA

Maria Aparecida Martins: Por incrível que pareça foi numa escola. Com onze anos, eu nunca nem tinha, ninguém nunca tinha falado sobre isso pra mim, sabe? Aí eu pensei que eu tinha me machucado, fiquei com muita vergonha sem jeito de falar onde que era o machucado, entendeu? Bem que as pessoas tinha mais experiência sabia que estava o que estava acontecendo. Me levaram, me protegeram, né? Na época não era nem absorvente, era uns paninho. Levaram eu pra minha casa, conversaram com a minha mãe, ai a vizinha da minha mãe veio. A moça dai explico.

[música com voz feminina:

De mês em mês,

De ciclo em ciclo,

De lua em lua

Vou renascendo, renovando, me desmistificando

Você nem faz ideia,

Não faz ideia.]

Thais Bezerra: Muitas de nós temos vergonha de menstruar. Essa vergonha é intensificada quando sofremos pequenas violências cotidianas que acompanham o silenciamento da menstruação. Olá, meu nome é Thaís, e esse é o nosso terceiro ciclo De Lua em Lua, um podcast sobre menstruação e adolescência. Em nosso imaginário social, a menstruação é entendida como algo errado, um pecado, uma vergonha. Você sabia que provavelmente todo dia tem alguém menstruando na escola? Você já parou para pensar como é crescer em um lugar que deveria promover o aprendizado sem poder falar e aprender sobre o próprio corpo? Quais são as consequências disso para o desenvolvimento das pessoas que menstruam? O tratamento de silêncio com a menstruação nos diz que nossas necessidades e demandas não são importantes o bastante para serem atendidas. No silêncio, não há espaço para questionamentos, e a vergonha limita o entendimento sobre o nosso corpo e sobre nossa menstruação. Isso tudo são mecanismos de controle, mas a menstruação é transgressora, pois nosso sangue não pode ser apagado, e apesar de tudo ele resiste.

[música com voz feminina:

Meu corpo fala, sua mente atrapalha.

Sei que você já se decidiu!

Mas se talvez você me deixasse entrar...]

BLOCO 1

Thais Bezerra: No começo deste ciclo você ouviu a Maria Aparecida Martins, funcionária da cozinha de uma escola pública. Como aconteceu com a Maria, muitas meninas têm sua menarca, a primeira menstruação, na escola. E assim como ela, várias dessas meninas não sabiam o que estava acontecendo. Quando isso acontece, nós falhamos como sociedade. Esse abandono é uma violência que infelizmente é normalizada. E nosso cotidiano está cheio dessas pequenas violências invisíveis...

[entrevista com Yasmin (aluna segunda série)]

... estar menstruada na escola é um tipo de inferno pessoal sabe? Não tem... como posso dizer? Eh... estrutura, infraestrutura, naquele lugar não tem, e tipo não é algo que é ruim mesmo todo mundo tem que aguentar, não tem conserto tipo podem colocar a porra do papel higiênico, ih falei palavrão amiga podia? Desculpa, Eh [risos] ... podiam colocar um pouco mais de higiene, distribuir absorvente mas não, simplesmente ou pelo menos deixar você sair no banheiro né? Porque tem professor que não deixa, você pode tá lá morrendo e morrendo de dor e tal você não pode sair da sala.

Thais Bezerra: Se você menstrua, conhece bem essa história que a Yasmin Valim contou pra gente. Yasmin é estudante do ensino médio e descreveu bem uma violência cotidiana: não ter permissão para ir ao banheiro. Isso pode parecer uma coisa pequena, mas compõe todo cenário de silêncio e vergonha que estamos trabalhando neste podcast. É uma violência que naturalizamos sem nem perceber. Em um ambiente educacional, o que essa situação ensina é que devemos nos calar frente às dores e desconfortos pelos quais passamos. Para mudar isso, a empatia de todas as pessoas da comunidade escolar é fundamental.

Alexandre Braga: Então eu vejo assim a dificuldade nossa, homens em tratar com esse... esse momento que as mulheres passam, é, principalmente no lixo do banheiro. Então ah eu vejo que a minha filha toma o maior cuidado, eh... Ela embrulha, ela tenta até, ah... organizar o cestinho do lixo numa boa pra nós não ficarmos eh... constrangidos com essa situação. Então eu acho assim eh ainda há esse tabu, né? Os homens não sabem lidar direito com isso.

Thais Bezerra: O Alexandre Braga é professor de educação física em uma escola pública. Ele contou pra gente que ficou viúvo cedo, com uma filha pequena para criar. Por isso, ele teve que assumir certas responsabilidades com relação à menstruação de sua filha que de outra forma ele provavelmente estaria ausente. Coisas como explicar, cuidar e confortar. E é interessante notar como a filha de Alexandre tenta proteger o pai de constrangimentos ao não mostrar o sangue no papel higiênico. Já pensou se a gente pudesse menstruar sem precisar se esconder ou ficar o tempo todo justificando coisas como ir ao banheiro? As coisas seriam bem melhores.

[música]

BLOCO 2

Jacques: ... na minha casa só minha mãe menstruava e aí tipo eu fui procurar mais do assunto na internet porque a gente é meio afastado, eu e minha mãe, desde sempre e eu tipo roubava o absorvente dela dentro de casa assim sabe? E eu passei uns dois meses assim então tipo era realmente um tabu falar sobre isso e toda a história por cima de tipo ah e agora a pessoa virou mocinha com uma pressão assim de, tipo, parece que a partir daqui você está num ápice da puberdade que você virou tipo passou por uma iniciação sabe que não é muito conversada, então é velado e é muito esquisito. Então tipo eu gostaria muito de ter tido mais orientação e não tanto tabu em cima disso, assim. Porque pra mim foi meio assustador no geral. Tipo, eu tive que caçar assunto sozinho e fiquei evitando falar sobre isso com todo mundo e quando alguém descobria, tipo, era sempre vergonhoso assim. Infelizmente a sociedade não fala muito sobre isso e principalmente naquela época falava menos ainda, então foi meio tenso.

Thais Bezerra: O silêncio nos ensina a ter vergonha e esconder nossa menstruação. Quem você ouviu agora foi o Jacques, uma pessoa trans masculina. Jacques é um homem que nasceu com um útero e menstrua. A menarca e o começo da menstruação é um momento muito sensível pois, como Jacques apontou, demarca socialmente uma espécie de rito de passagem para a vida adulta. Mas é um rito solitário, esquisito, assustador, que cultiva em nós vergonha, e muitas vezes raiva, de sermos quem nós somos. E todos nós somos diferentes, e menstruamos de formas diferentes. Essas diferenças devem ser acolhidas.

Jacques: As pessoas não sabem o que acontece, o que você sente sobre o que você passa tipo é um assunto que falta humanização sobre esse assunto. E inclusão de outras pessoas também. Porque às vezes não é só porque você não tem dor, que a outra pessoa não tem, ou porque você não tem TPM, que a outra pessoa não tem, ou até mesmo como fazer pra aliviar essas situações da nossa vida em termos de alimentação tipo eu já ouvi falar várias vezes que tipo ciclo menstrual e alimentação, as coisas que a gente come mais ferro alguma época ou outra muda tudo assim eu não eu já ouvi falar mas eu não tenho acesso a essa informação por exemplo sabe? Então acho que é um assunto muito pouco falado e que muitas pessoas

passam, né? Tipo todo mundo que tem ou ovários no caso tipo, menstrua passa por isso de algum jeito.

[música]

BLOCO 3

Caroline Willig: Pra viver a menstruação com saúde e com dignidade é a primeira coisa é a gente conhecer o nosso corpo, conhecer como ele reage, como a gente se sente, né? E aí a partir daí desses sentires, né? É que se devem pensar, né? As leis, as políticas públicas, ãh de que forma que ah a sociedade, né? O espaço público ãh e o espaço privado falando de banheiro, de saneamento básico, de acesso a absorvente, né? Ahm de saúde mesmo, higiene, né? Condições, ah de vivenciar a a menstruação com dignidade, é uma questão bem complexa, ela envolve muitos fatores que é muito além absorvente descartável né? Muitas vezes ãh tem gente que não não consegue tomar banho pra ir pra escola porque não tem chuveiro quente na sua casa por exemplo aqui no Rio Grande do Sul que faz bastante frio no inverno isso vira uma grande questão especialmente nas situações nas regiões de zona rural né? periféricas onde o saneamento básico muitas vezes ele também não chega.

Thais Bezerra: Caroline Willig sempre fala sobre menstruação no plural: para a pesquisadora, o que existe são menstruações. A dignidade menstrual é o tema central das pesquisas de Caroline, que também atua na elaboração de políticas públicas voltadas às menstruações. Para encarar tantas complexidades que envolvem as menstruações, um bom começo seria enfrentando nossas vergonhas. Afinal, para exigir e lutar por mudança é preciso falar, e para isso é necessário romper com as barreiras que as vergonhas trazem.

Caroline Willig: Eu acho que eu gostaria de ter ouvido que a menstruação ela não é vergonha. Ela é empoderamento né? Isso eu gostaria de ter ouvido porque ahm não por tá reforçando uma visão romântica, né? Mas sim por entender que ela não precisa ser excluída, né? Ela não precisa ser silenciada, ela não precisa ser presa, né? Ela não precisa ser fechada, vetada do espaço público

[música]

Thais Bezerra: Neste ciclo conversamos sobre as pequenas violências do dia-a-dia que ensinam a gente a ter vergonha da menstruação. Tudo que ouvimos como estudantes é “tenha boas notas”, “obedeça os professores”, “se comporte”, “preste atenção nas aulas”. Muitas vezes, nossas dores e desconfortos ficam em segundo plano. Se a escola serve para formar para a cidadania, as particularidades e necessidades das crianças e jovens não podem ser ignoradas. Dentro da nossa realidade patriarcal, racista, e capitalista, isso tudo se intensifica sobre corpos de mulheres, pessoas trans, negros, e pobres.

BLOCO 4

[música

Luna Beatriz: Vazando conhecimentos]

Naedja Vieira: Você já parou para pensar porque o sangue menstrual é taxado como algo vergonhoso e indigno, se ele está nos corpos de metade da população do mundo? Não faz sentido, né? O silêncio que cerca a menstruação contribuiu para esta situação de indignidade e degradante do nosso sangue. A escola é um lugar privilegiado para começarmos a mudar essa realidade, já que é na escola que temos acesso garantido por lei à educação. Portanto, é muito importante que a comunidade escolar esteja atenta ao modo como a menstruação aparece nos currículos escolares, e lutar para que este tema seja tratado de forma transversalmente. Como estamos vendo no nosso podcast, a menstruação não é algo restrito à biologia ou à saúde, e sim um fenômeno complexo que também possui dimensões sociais, econômicas e psicológicas. Que tal começarmos a falar abertamente sobre dignidade menstrual nas escolas? Assim, poderemos evitar violências do dia-a-dia que impactam diretamente a vida de mulheres, meninas e pessoas que menstruam.

Vem com a gente de ciclo em ciclo, de lua e lua.

ENCERRAMENTO

[música com voz feminina:

De mês em mês,

De ciclo em ciclo,

De lua em lua

Vou renascendo, renovando, me desmistificando

Você nem faz ideia,

Não faz ideia.]

Thais Bezerra: O roteiro deste podcast foi costurado por Clarissa Reche, é uma produção do Labirinto, Laboratório de Estudos Socioantropológicos sobre Tecnologias da Vida, em parceria com o podcast Mundaréu, do Labjor/Unicamp e Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. O conteúdo que apresentamos é resultado da pesquisa “Menstruação e Antropologia: Multiplicando possibilidades para alcançar dignidade”, realizada por meio do Programa de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio e do Projeto de Extensão Comunitária “Olhos no Futuro”. O projeto foi desenvolvido no Labjor, na Universidade de Campinas, entre setembro de 2022 e setembro de 2023.

[música com voz feminina:

De dentro pra fora,

De dentro pra fora,

De dentro pra fora.

Meu corpo fala, sua mente atrapalha.

Sei que você já se decidiu!

Mas se talvez você me deixasse entrar.]